

ELISA BRANCO voltou de sua grande viagem

FOI entre risos e flores, que tôdas nós, amigas e companheiras de Elisa, a recebemos ao desembarcar no Galeão. Estávamos emocionadas e orgulhosas de poder abraçar essa mulher simples, que pela sua bravura, dedicação e firmeza na luta pela paz, vem de ser laureada com o honroso Prêmio Internacional Stalin pela Paz.

Elisa participou do Congresso dos Povos, em Viena, realizado em dezembro último, onde transmitiu, em emocionante discurso, o desejo de paz da mulher brasileira e sua firme resolução de não permitir que seus filhos partam para guerras criminosas.

Chega agora de Moscou, onde acaba de receber o prêmio. Visitou a União Soviética e tôdas nós queremos saber de suas impressões, queremos que ela nos conte o que viu nesses quase dois meses de viagem.

Já no automóvel, passado o primeiro momento de emoção, sem conter seu entusiasmo, Elisa nos fala sobre o Congresso dos Povos:

O CONGRESSO DOS POVOS

— O Congresso foi um espetáculo inesquecível! Havia delegados de todos os países do mundo, representando organizações, partidos e religiões as mais diversas. Todos falávamos línguas diferentes, mas isso não impediu que nos entendêssemos, pois tratávamos todos do mesmo assunto: a defesa da paz! Havia muitas mulheres, vindas dos mais longínquos países, que traziam mensagens de seus povos. Elas vestiam seus belos trajes típicos, emprestando ao ambiente um ar festivo e alegre.

ENCONTRO COM A DELEGADA COREANA

Já em casa, não sabendo a quem atender, pois as perguntas eram tantas, Elisa nos contou de seu encontro com uma delegada coreana:

— Não posso esquecer — contou Elisa, com ar grave — o discurso da delegada coreana, que com uma fisionomia severa e em tom sereno, denunciou ao Congresso as atrocidades praticadas pelas tropas norte-americanas em sua terra, contra mulheres e crianças indefesas. Foi carregada nos ombros — continuou Elisa — por mulheres e homens que desejavam demonstrar-lhe com esse gesto de carinho, sua solidariedade e seu repúdio a essa guerra criminosa. Consegui chegar a ela — acrescentou Elisa — e sem dizer-lhe uma só palavra, comuniquei-lhe com um forte abraço, que as mulheres brasileiras jamais consentirão que seus filhos tomem de armas contra o povo coreano. Ela também sem dizer uma palavra, me agradeceu com um beijo e ambas emocionadas choramos.

• Aprendi muito nesse congresso. Trago novas experiências e a reafirmada convicção de que se trabalharmos bem, se soubermos esclarecer o povo, poderemos evitar a guerra.

EM MOSCOU E NA ARMÊNIA

A nossa delegação — continua Elisa Branco — foi recebida na União Soviética com carinho e fomos cercados de todo o conforto. Hospedaram-nos no Hotel Soviético, recentemente construído. É um hotel imenso com todo o conforto possível e imaginável! Foi construído e decorado exclusivamente com material soviético. Tinhamos vários intérpretes em língua brasileira, automóvel à nossa disposição e vimos tudo o que quisemos.

Chegamos a Moscou dois dias depois do Natal mas ainda



Elisa recebe, emocionada, o abraço de seu esposo, Norberto Batista

alcançamos os festejos: as ruas tôdas enfeitadas com gigantescas árvores de Natal, iluminadas de lâmpadas de cores diferentes... o povo nas ruas tocando e dançando em torno das árvores, desafiando os 20 graus abaixo de zero e a neve que tombava... Que povo fraternal! — diz Elisa entusiasmada. Era só perceberem que éramos estrangeiros, para se chegarem e nos cercar de atenções. Perguntavam sobre o Brasil, queriam saber sobre a vida do povo brasileiro... e em tôdas as conversas que mantive, fôsse com jovens, velhos ou crianças, jamais ficou ausente o assunto da paz.

Visitamos escolas, fábricas, magazines, hospitais, creches; fomos a teatros, cinemas, circo. Tôdas as portas se abriram para nós. Constatamos que o povo soviético é feliz. Ele vive bem. Estuda, veste-se bem, diverte-se.

Visitamos a Armênia. Num Kolkhoz dessa República Soviética, estivemos com os camponeses em suas casas e compartilhamos de sua mesa farta. Havia nesse Kolkhoz todo o conforto: escolas, primária e secundária, clube de cultura, salão de dança, biblioteca, teatro, hospital, etc. Imaginem — comentava entusiasmada — que até os estábulos das vacas são construídos de pedra, com um asseio impecável, com aquecimento... infinitamente melhor que muita casa de operário brasileiro! Contaram-nos lá, que filhos de camponeses dêsse Kolkhoz estão formados em engenharia, medicina, e as professoras de suas escolas nasceram ali mesmo.

O povo armênio como o povo de toda a União Soviética deseja a paz. Disso estou convencida! Um povo que conseguiu derrubar as barreiras do analfabetismo, que pode saciar seu estômago, que vê o futuro de seus filhos garantido, não pode desejar a guerra!

NUM SALÃO DE BELEZA

E o prêmio? — perguntamos curiosas.

— Foi a maior emoção que senti em minha vida! — disse Elisa.

Vou contar a vocês como se passaram êsses momentos mais felizes de minha vida. Vou começar pela véspera, — disse rindo.

— O Comitê da Paz Soviético me ofereceu um vestido para usar na cerimônia da entrega do prêmio. Levaram-me a um salão de modas, no centro da cidade, onde desfilam modelos novos todos os dias. Trago-o aqui e mostrarei logo mais a vocês para que julguem sobre a sua qualidade e elegância. Pedi que me levassem a um cabeleireiro, pois queria cortar o cabelo e fazer uma permanente. Levaram-me ao salão de beleza do próprio Hotel Soviético, onde passei algumas horas fazendo unhas, cabelo, sobrancelhas etc. Usaram nesses trabalhos produtos soviéticos da melhor qualidade. A moça que tratava de minhas unhas, mostrou curiosidade em saber porque eu ria sozinho. Eu expliquei: infelizmente, no Brasil, há ainda muita gente que acredita que aqui, na União Soviética, as mulheres não têm o direito de ser vaidosas, que aqui não existem salões de beleza, nem rouge, nem baton... Imagino — disse eu à jovem — que quando eu voltar e contar a algumas delas, o que vi aqui, quando mostrar-lhes o ondulado de meu cabelo e dizer-lhes que foi feito em aparelho soviético, elas duvidarão. Eu estava rindo, expliquei, só de imaginar o desapontamento de algumas inimigas gratuitas da União Soviética, que conheço, se pudessem ver o luxo e o aparelhamento dêste salão!

O PRÊMIO

O ato da entrega do prêmio, foi realizado num dos salões do Kremlin. A cerimônia foi marcada para as 2 horas da tarde. Pela manhã, visitamos o Museu do Kremlin onde se encontram conservados os tesouros dos tzars. Nunca pude imaginar — comentava Elisa — que pudesse existir tanta riqueza reunida! Vestidos bordados, inteirinhos, de pérolas verdadeiras, coroas com brilhantes enormes, coberturas para cavalos, bordadas a ouro e pedrarias, enfim tanta coisa, que é impossível enumerar!

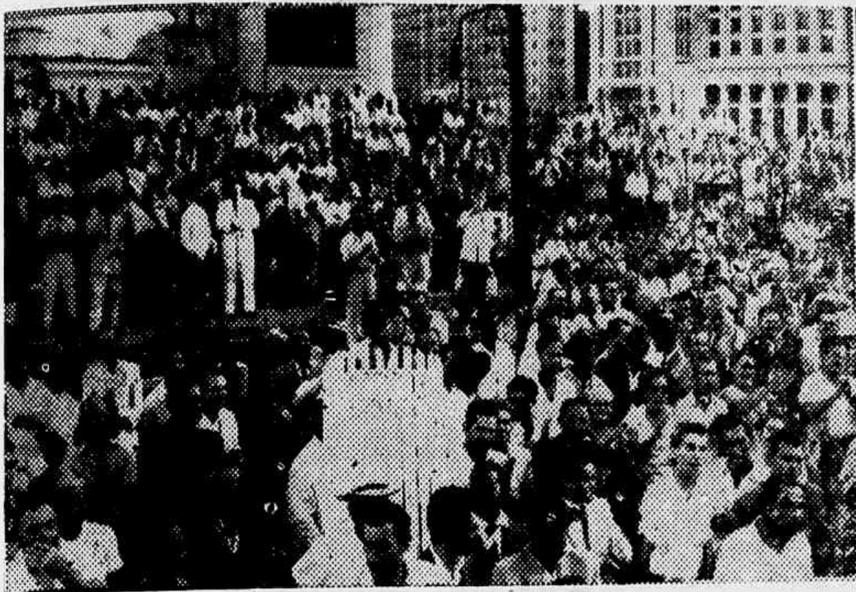
As duas horas em ponto, num ambiente solene, foi iniciado o ato. O salão estava repleto! Havia jornalistas, correspondentes de vários jornais estrangeiros, cinegrafistas, fotógrafos. Encontrava-se presente Nina Popova, representando o Comitê de Mulheres Antifascistas. Havia representantes de sindicatos, jovens, intelectuais, operários, cientistas, etc. Foram feitos vários discursos antes da entrega do prêmio, discursos êsses que foram gravados e irradiados para todo o país.

Nesse momento de maior emoção, eu pensei no Brasil, nas mulheres brasileiras a quem eu estava representando. No meu discurso eu disse — frisou Elisa — que êsse prêmio era dado não só às mulheres brasileiras, mas também a tôdas as mulheres da América Latina, que lutam corajosamente em defesa da paz. Eu repito agora aqui a vocês que êsse prêmio é uma grande honra para nós mas nos traz também responsabilidades enormes! Nossa campanha é justa! É a campanha para salvar a vida de nossos filhos! Por isso devemos lutar cada vez mais com otimismo e entusiasmo, pois está em nossas mãos vencer essa batalha!

Elisa estava emocionada e nos contagiou a tôdas.

Transportadas pelo entusiasmo e pela sinceridade de Elisa Branco, ficamos a ouvi-la durante horas, esquecendo que depois de uma viagem tão longa ela devia estar fatigada e precisava repousar. Só à noite a deixamos, esperando ouvi-la ainda muitas vezes.

ZÉLIA GATTAI



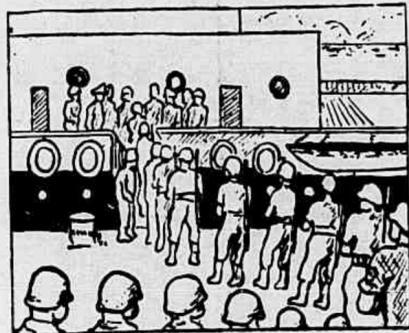
Dezenas de milhares de pessoas, na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro, protestaram em praça pública contra a assinatura do Acôrdo Militar.

Êsse acôrdo não será aprovado!

A CAMARA de Deputados deverá decidir, dentro dos próximos dias, sôbre a ratificação do Acôrdo de Assistência entre os Estados Unidos e o Brasil, que o govêrno do Sr. Getulio Vargas, através de seu ministro do Exterior, João Neves da Fontoura, assinou em março de 1952. A aprovação dêsse Acôrdo, pelo Congresso Nacional, é uma terrível ameaça que pesa sôbre o povo brasileiro, pois seria a volta do Brasil à situação de colônia, a perda de sua soberania.

Mulher brasileira:

Você sabe o que significará a ratificação do Acôrdo?



O envio de tropas brasileiras para a Corêia, como deixa bastante claro o preâmbulo dêsse Acôrdo Militar, ao declarar que o Brasil cumprirá «a decisão de cooperar plenamente na tarefa de proporcionar fôrças armadas às Nações Unidas (ONU).

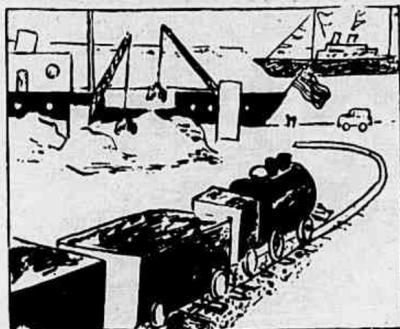
A sujeição do nosso comércio e da nossa soberania aos americanos. Os artigos 8º, 9º e 6º do Acôrdo dizem que o Brasil ficará obrigado a entregar aos Estados Unidos as suas riquezas mineiras, com prejuízo de 20% do seu valor; nosso comércio exterior será controlado por um administrador norte-americano e as nossas gloriosas fôrças armadas passarão a ser comandadas e instruídas por oficiais do exêrcito norte-americano.

— A transformação da indústria brasileira em indústria de guerra. Nossas fábricas produzirão armas, ao invés de roupas e calçados e a miséria aumentará nos lares brasileiros.

Que fazer para impedir que êsse Acôrdo seja aprovado?



Inicia desde já um trabalho de esclarecimento com as tuas amigas, vizinhas e companheiras de trabalho, explicando o que é o Acôrdo.



— Obtém delas suas assinaturas contra êsse infame Acôrdo e envia-as à Câmara Federal.

— Procura outras organizações, além da tua, e consegue delas o seu apoio a esta patriótica campanha.

— Procura as mães, as esposas e jovens que não querem ver seus filhos, esposas, pais, irmãos e noivos sacrificados numa guer-

ra e organiza comités de mães contra o envio de tropas para a Corêia.

— Visita os deputados nos quais votaste, os deputados de tua cidade ou Estado e diz-lhes por que és contrária a êsse Acôrdo.

— Telegrafa, escreve, aos deputados federais.

— Participa dos movimentos patrióticos contra o Acôrdo, trabalhando nos trabalhos da grande Convenção Nacional, a 5 de março, no Rio.

Lembra-te que a tua ação decidida e corajosa, unida à de milhões de brasileiros, poderá impedir que tal crime se consuma.

CONVENÇÃO NACIONAL CONTRA O ACÔRDO MILITAR

Dias 5, 6 e 7 de março - Rio de Janeiro

Convocada pela Comissão Nacional contra o Acôrdo Militar, sob a presidência do general Edgar Buxbaum, será realizada na Capital da República, uma grande Convenção Nacional, da qual participarão inúmeras personalidades e organizações democráticas.

Novas medidas serão traçadas nessa ocasião, para um impulso ainda maior dessa campanha que empolga todo o povo brasileiro.

Apêlo do General Buxbaum

Através de MOMENTO FEMININO, o General Edgar Buxbaum, presidente da Comissão contra o Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos, lança um apêlo às mulheres brasileiras.

Procurado por nossa reportagem, declarou-nos o general:

“Desejo apelar para tôdas as mulheres, no sentido de que so- mem seus esforços aos dos homens, a fim de impedir que nos- sos congressistas ratifiquem o Acôrdo de Assistência Militar proposto pelo Govêrno dos Es- tados Unidos ao Govêrno do Govêrno do Brasil.

Pois êsse documento represen- tará uma volta da nossa Pátria à situação de colônia, o que fere os nossos brios e a nossa soberania nacional. Representa também êsse documento um pacto de guerra, que poderá amanhã levar os nos- sos filhos a guerras externas, con- tra povos que nunca nos fizeram mal algum, como a guerra da Co- rêia.

A mulher brasileira, concluiu o General Buxbaum, não poderá trair o seu passado, pois teve sempre uma posição de alta sig-



Gal. Edgar Buxbaum

nificação para os destinos do Brasil. Ela não permitirá, de forma alguma, que os fautores de guerra nos forcem, contra nossa vontade, a tomar parte em guer- ras de agressão.

Que cada mulher se torne uma pioneira intransigente na luta contra o Acôrdo Militar.”

MULHER BRASILEIRA: Participa ativamente da CONVENÇÃO NACIONAL CONTRA O ACÔRDO MILITAR!

AVIDA

Ela atravessava a rua com um menino de quatro anos. Dois bondes — um que ia e outro que vinha — barraram-lhe o caminho parando em frente. Ela esperou que passassem.

De repente, o pequeno, dando um salto de alegria, atirou-se diante dos bondes que se punham em movimento. A mãe deu um grito, um grito tão horrível que ambos os motorneiros brecharam ao mesmo tempo. Os passageiros espicharam o pescoço para ver o que se passava.

— Que mulher! — exclamaram alguns. — Que susto nos deu!

Ela correu apavorada por onde havia desaparecido a criança, gritando — Kolya! Kolya!

— Como é o menino? Não é um de blusa azul? Lourinho?

Sem voz, a limpar o suor que escorria pela testa, ela fazia que sim com a cabeça, fitando com olhos arregalados de pavor as pessoas em derredor.

— Não é aquele?... Veja! Um militar está carregando-o. Deve estar ferido...

— Onde? Onde? — e ela correu na direção indicada.

Um aviador, moreno, coberto de pó da cabeça aos pés, descia a rua levando Kolya nos braços. Beijava e abraçava o menino que ria, feliz.

— Camarada aviador! Camarada aviador, o senhor está louco? — bradava a mãe correndo-lhe no encalço.

Mas o aviador parecia não ouvir e continuava andando.

— Kolya meu Kolyinha — repetia êle como num transe. — Como é que você veio parar aqui, seu diabinho?

— Que significa isso?! — A mulher agarrou o aviador pelo braço e fê-lo parar. Estava transtornada. — Aonde vai com meu filho? — exclamou.

Isto é o cúmulo! Largue-o imediatamente ou chamo um polícia!

O aviador encarou-a perplexo.

— Que deseja? perguntou.

Começou a juntar gente.

— Aonde leva meu menino? Isto é um desafio!

— Seu menino? Êle é meu filho! e como que para se certificar bem, atentou, perturbado, na criança — De quem você é filho, Kolya?

— Seu, papai — respondeu o garoto, e mostrando a mulher: — e ela é minha mãe.

— Mãe de quem? Onde está sua mãe?

— Minha mãe verdadeira está no cemitério — explicou Kolya.

— Os alemães, quando vieram, mataram minha mãe; tia Lipa tapou meus olhos, mas depois eu vi...

— Está bem, Kolya, basta — o pai teve um gesto convulso. Então êle foi adotado pela senhora. Faz tempo isso? — perguntou, dirigindo-se à mulher.

Ela mordia os lábios, contendo forte emoção.

— Vamos — disse o aviador — acalme-se. Que devemos fazer? Precisamos conversar. Para onde ia a senhora?

— Para casa.

— Para casa? Então vamos para lá. E' verdade que estou que pareço nem sei o que... E que negócio complicado arranjei... Mas não se incomode...

Os curiosos abriam-lhes passagem.

— Não é nada... E' por aqui o caminho... à direita... Mas o senhor não vai fazer nada contra a lei. Não pode... Não deve fazer...

Êle não dizia nada. Ela o seguia como uma culpada que, presa em flagrante, sabia o que a esperava.

Nem souberam como chegaram à casa.

Era um quarto apenas, pequenino, mobiliado só com sofá, uma mesinha e um fogareiro a óleo em cima de uma mala. Num canto viam-se alguns brinquedos quebrados.

O aviador depôs o menino no chão.

— Permita-me. Sou o Major Brazhnev.

— E eu me chamo Rogaltchuk. Tenho prazer em conhecê-lo. Espero que não tenhamos nenhum desentendimento.

— Que espécie de desentendimento poderíamos ter? — perguntou-lhe êle surpreso, fitando essa mulher que lhe dava a impressão de ligeiramente desagradável.

Ela era de estatura média, um tanto magra, de rosto agradável porém com acentuados sulcos em redor da boca. Sua fisionomia denotava extrema perturbação, tristeza e desesperança. Os braços finos tinham um ligeiro tom azulado. Anemia.

— Sente-se, por favor — disse ela. — E' melhor entrarmos em conversa. Não tenho muito tempo.

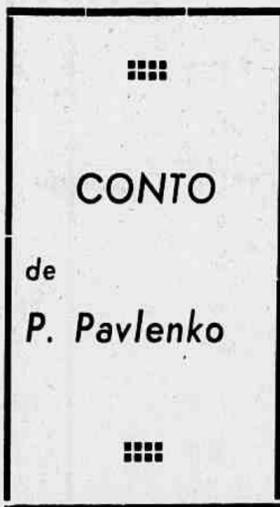
— Não quer primeiro lavar o rosto — refrescar-se um pouco, camarada Brazhnev? E tomar uma chávena de chá?...

O major percebeu na voz da mulher o desejo de retê-lo, de pedir-lhe um favor, implorar-lhe algo.

— Não, vamos primeiro resolver o assunto.

Antes de começar sua história, porém, ela retirou-se um instante do quarto indo falar com a gente do vizinho. Brazhnev ouviu ruído de chaleira e louça.

— Eu morava em Leningrado — começou Rogaltchuk. Meu



marido foi morto em janeiro, quase ante meus próprios olhos. Fiquei sôzinha. Foi-me tão grande o golpe, que não sabia como continuar vivendo. Necessitei de alguém ao meu lado cuja vida, cuja felicidade, dependesse de mim. Resolvi adotar um órfão. Existiam muitos. Mas não encontrei logo no início o que idealizava. Procurava um que se parecesse com meu marido. E' verdade que criança muda muito de fisionomia, mas o que eu desejava, pelo menos nos primeiros dias, era rever as feições queridas de meu marido nalgum rosto. Também queria que o menino tivesse o mesmo nome que êle. Quando vi Kolya senti que era êle quem eu procurava para meu filho, meu filho para sempre.

— Mas êle não é órfão — retrucou o major. — Houve um engano.

— Sou órfão, sim, papai — interpôs o menino. — Tia Lipa também foi morta pelos alemães.

Ali estava o menino, um pedacinho de gente, o rostinho estreado de veias azuladas, a ouvir o deslinde de sua própria vida.

— No orfanato me disseram que a mãe e o pai de Kolya haviam sido mortos, e que os parentes mais próximos ou também teriam sido mortos ou se encontravam feridos no hospital. Tratei logo de preencher as formalidades, fiquei com o menino.

— Não fui eu que fui morto, e sim alguém com o mesmo nome, observou o major.

Rogaltchuk parecia procurar algo.

— Que está procurando, mamãe? — perguntou o garoto.

— Minha carteira, meu bem.

— Você nunca enxerga as coisas, mamãe. Está ali na cadeira.

O major observou o menino com o rabo dos olhos. Sentia-se mal ouvindo o menino chamar de mamãe a essa mulher estranha, mas não podia repreendê-lo.

— Julguei-me no direito de adotar o filho de um comandante do Exército Vermelho, morto em ação. Asseguro-lhe que tive boa educação e que ganho o suficiente para criar o menino... E também sou viúva de um comandante do Exército Vermelho.

Sua voz tinha um tom grave mas agradável, e ouvindo-a Brazhnev pôs-se a lembrar daquela outra mulher — daquela mulher tão cheia de espírito e vida, que nunca mais veria. Daquela que fora sua esposa e a quem unira sua felicidade, suas esperanças, sua própria vida. Parecia-lhe que, com sua morte, perdera um pedaço de si mesmo, transformando-se num mero mortal, vulnerável, sem destino. Com ela se fora parte de seu futuro.

Do quarto vizinho trouxeram uma bandeja com chá e geléia de frutas. Brazhnev serviu-se de uma xícara e distraidamente nela pôs duas colherinhas de geléia.

Reinava silêncio no quarto. Rogaltchuk, evidentemente, já lhe houvera dito tudo que havia a dizer.

— Papai, olhe o que você fêz? E você não é pequeno — Kolya estava radiante de pilhar o pai fazendo o que não devia. — Mamãe vai passar um pito. Não sabe que geléia não é para pôr no chá?

O pai sorriu, humilde.

— Estou fazendo bobagem. Ando desnorteado... Desculpe, não faço mais isso. Coma um pouco de geléia, Kolya.

— Não é isso que devo fazer, disse o garoto em tom de mentor. Devo primeiro tomar minha aveia, para depois tomar chá.

— Vejo que o senhor não estava prestando atenção no que eu dizia, observou Rogaltchuk, com a voz trêmula de emoção. — Ora, ouça: Kolya é tanto meu filho quanto seu. E' meu filho perante a lei. Adotei-o.

— Que quer dizer com o adotou? Ora...

— Seu nome continua naturalmente sendo Nicolau Brazhnev. Mas está registrado no meu passaporte.

O major levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro.

(Conclui na pág. 12)

MOMENTO FEMININO

Conselho de Representantes da F. M. B.

NO dia 24 de janeiro, reuniu-se no Rio o Conselho de Representantes da Federação de Mulheres do Brasil. Dessa importante reunião participaram delegadas de São Paulo, Minas Gerais, Estado do Rio, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Bahia e Pernambuco.

Três pontos constavam da Ordem do Dia:

- a) Aplicação das Resoluções do Congresso dos Povos pela Paz, realizado em Viena;
- b) Resultados da Primeira Assembléia Nacional de Mulheres e
- c) Problemas de Organização.

Após um trabalho intenso, durante três sessões, em que foram narradas experiências de trabalho e feitos relatos das atividades em Cada Estado, importantes resoluções foram aprovadas, servindo de verdadeiro programa de ação para tôdas as filiadas da F. M. B.

A LUTA CONTRA O ACÓRDO MILITAR

D. Branca Fialho, presidente em exercício da Federação e membro do Bureau do Conselho Mundial da Paz, relatou para as representantes o que foi o Congresso dos Povos, realizado em Viena, em dezembro passado. Falou do entusiasmo que animou todos os delegados, da diversidade extraordinária das representações e da importância decisiva das resoluções que ali foram aprovadas.

Importantes sugestões foram dadas por várias delegadas, sôbre como divulgar aquelas resoluções e desenvolver a luta pela paz entre as mulheres brasileiras. Ficou constatado que é urgente desenvolver uma intensa campanha de esclarecimento sôbre os perigos que ameaçam nossa pátria com a assinatura do Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos.

OS DIREITOS DA MULHER E DA CRIANÇA — A LUTA CONTRA A CARESTIA

No segundo ponto da Ordem do Dia, inúmeras foram as propostas apresentadas: criação de creches, concessão de um cartão de prioridade para as gestantes, aumento para 4 meses da licença concedida às funcionárias municipais gestantes, criação de parques infantis etc. etc.

A luta contra a carestia de vida, tormento das donas de casa, mereceu especial atenção. D. Célia Lobato, presidente do Centro das Donas de Casa de Belo Horizonte, convidada especial a essa reunião do Conselho, expôs vivamente aos presentes as experiências daquela organização, no combate ao aumento do preço dos ônibus, na capital mineira e sua campanha pelo barateamento da carne verde.

MELHORAR A ORGANIZAÇÃO DAS UNIÕES FEMININAS

Os problemas de organização: funcionamento de sedes, departamentos auxiliares, meios financeiros, programa de atividades, foram motivo de debates prolongados. As sugestões apresentadas pela diretoria da FMB, após debates das delegadas presentes, constituíram resoluções aprovadas.

Um questionário minucioso foi distribuído entre as delegações estaduais, pedindo informações sôbre as atividades de cada filial.

Foi aprovada pelo Conselho a constituição de uma Comissão, incumbida de apresentar um anteprojeto de reforma dos Estatutos, a ser apresentado no próximo Congresso da FMB.

NOVA DIRETORIA ELEITA

Encerrando os trabalhos do Conselho, foi eleita a nova diretoria da Federação de Mulheres do Brasil, com exercício para os anos de 1953 e 1954.

E' a seguinte a chapa eleita:

Presidente — Branca Fialho; vice-presidentes — Elisa Branco e Nuta Bartlet James; secretária geral — Arcelina Mochel Goto; 1ª secretária — Cristina Joffily; 2ª secretária — Mariana Alvim; 1ª tesoureira — Zélia Amado; 2ª tesoureira — Jurema Ferreira.

Também nessa reunião foi aprovada a criação de um Conselho Consultivo e de cinco Departamentos auxiliares, cujas diretoras foram também eleitas.

Assembléias Regionais

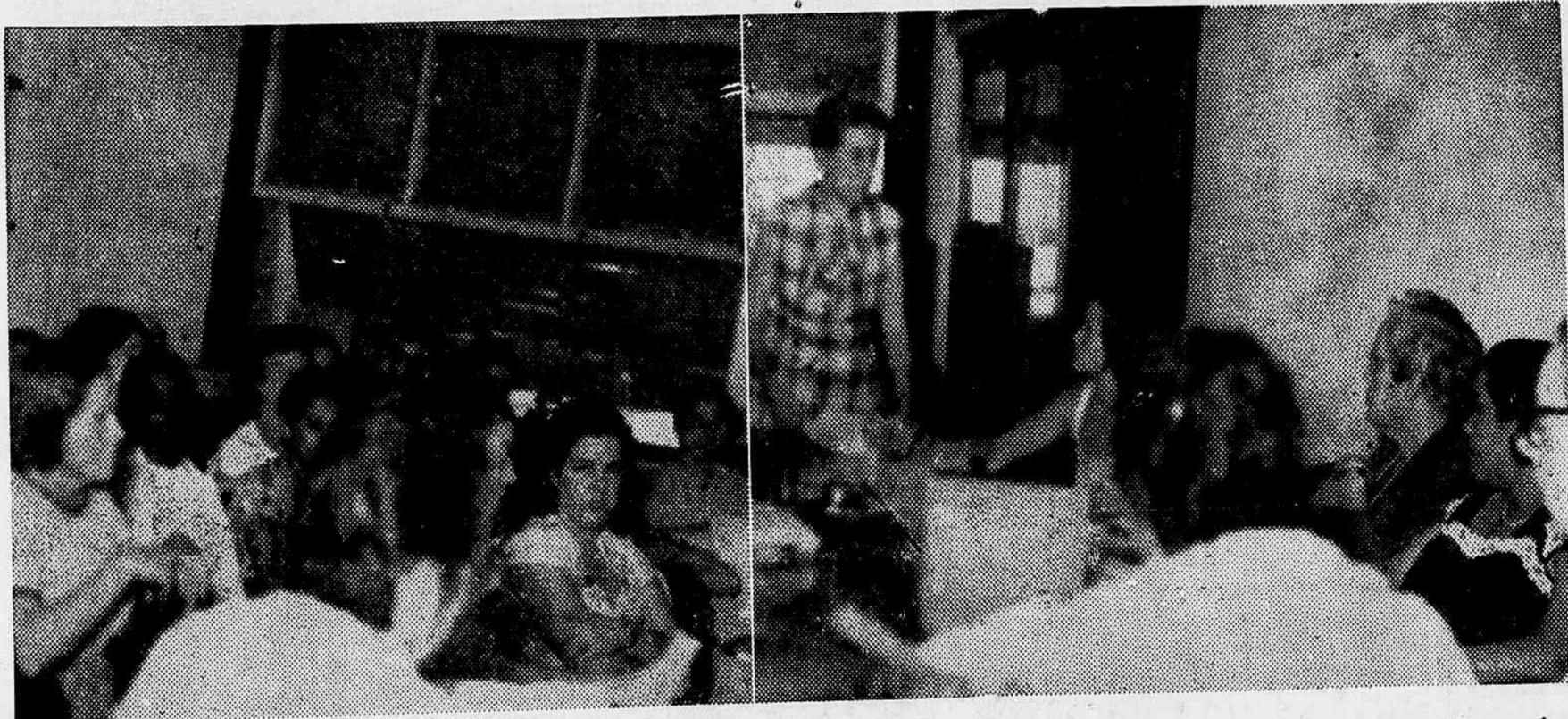
UMA das mais importantes resoluções aprovadas pelo Conselho de Representantes da FMB foi o apoio à realização de Assembléias Regionais de Mulheres, idéia lançada pela Primeira Assembléia Nacional, realizada em novembro. Essas assembléias, que deverão ser realizadas no mês de março, serão em número de 4, constituindo os seguintes grupos:

- 1) São Paulo, R. G. do Sul, Santa Catarina, Paraná, Goiás e Mato Grosso — Sede da Assembléia: capital de São Paulo.
- 2) Distrito Federal, Estado do Rio, Espírito Santo e Minas Gerais — Sede: Niterói, capital do Estado do Rio.
- 3) Pernambuco, Bahia, R. G. do Norte, Alagoas, Paraíba, Sergipe — Sede: Recife, capital de Pernambuco.
- 4) Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas — Sede: Fortaleza, capital do Ceará.

Os assuntos que mais preocupam a mulher brasileira, serão discutidos nessas assembléias: a) a defesa da paz mundial; b) a defesa dos direitos da mulher; c) a defesa da infância e d) a luta contra a carestia.

São também de enorme importância os objetivos que se propõem as mulheres atingir com a realização das Assembléias Regionais: em primeiro lugar, ampliar a Federação de Mulheres do Brasil, mediante o recrutamento de 10 mil novas sócias; preparar a comemoração do dia 8 de março, data internacional da mulher e discutir a participação da delegação brasileira ao Congresso Mundial de Mulheres, que se realizará na Dinamarca, no mês de junho do corrente ano.

A realização das quatro Assembléias Regionais, que deverão contar com grande número de delegadas de cada um dos Estados participantes, escolhidas em múltiplas assembléias de bairros, empresas, escritórios etc., serão uma esplêndida oportunidade para trocar experiências e sugestões, úteis a um novo impulso na atuação das mulheres em defesa de seus direitos.



Aspecto de uma das sessões e mesa que dirigiu os trabalhos, vendo-se a Sra. Guiomar Damasceno, presidente da As. Fem. Fluminense, quando apresentava seu relatório.

VIDAS SÊCAS

Romance de GRACILIANO RAMOS

Cap. XI

CONTAS

FABIANO recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha dum cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, resingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engulia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

— Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinhá Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era um bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era um bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar a carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fôsse procurar serviço em outra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho, não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era um bruto, não fôra ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo, o tijolo. Na porta, virando-se, engançou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatos de couro cru batendo no chão como cascos.

Foi até a esquina, parou, tomou fôlego. Não deviam tratá-lo assim. Dirigiu-se ao quadro lentamente. Diante da bodega de seu Inácio virou o rosto e fez uma curva larga. Depois que acontecera aquela miséria, temia passar ali. Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

— Ladroeira.

Não lhe permitiam queixas. Porque reclamara, achara a coisa uma exorbitância, o branco se levantara furioso, com quatro pedras na mão. Para que tanto espalhafato?

— Hum! hum!

Recordou-se do que lhe sucedera anos atrás, antes da seca, longe. Num dia de aperto recorrera ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado às despesas do Natal: matara-o antes de tempo e fôra vendê-lo na cidade. Mas o sujeito da prefeitura chegara com o talão de recibos e atralhará-o. Fabiano fingira-se desentendido: não compreendia nada, era um bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. O agente se aborrecera, insultara-o, e Fabiano se encolhera. Bem, bem. Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor dos sus troços. Não entendia de imposto.

— Um bruto, está percebendo?

Supunha que o cevado era dele. Agora se a prefeitura tinha

uma parte, estava acabado. Pois ia voltar para casa e comer a carne. Podia comer a carne? Podia ou não podia? O funcionário batera o pé agastado e Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo:

— Quem foi que disse que eu queria brigar? O melhor é a gente acabar com isso.

Despedira-se, metera a carne no saco e fôra vendê-la em outra rua, escondido. Mas, atracado pelo cobrador, gemera no imposto e na multa. Daquele dia em diante não criara mais porcos. Era perigoso criá-los.

Olhou as cédulas arrumadas na palma, os níqueis e as pratas, suspirou, mordeu os beiços. Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hein? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada!

Espalhou a vista pelos quatro cantos. Além dos telhados, que lhe reluziam o horizonte, a campina se estendia, seca e dura. Lembrou-se da marcha penosa que fizera através dela, com a família, todos esmolambados e famintos. Haviã escapado, e isto lhe parecia um milagre. Nem sabia como tinham escapado.

Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados



e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliaava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.

— Um dia um homem faz besteira e se desgraça.

Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nasceria com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, concertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacará, ensebar látégos — aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias.

Na palma da mão as notas estavam úmidas de suor. Desejava saber o tamanho da extorsão. Da última vez que fizera contas com o amo o prejuízo parecia menor. Alarmou-se. Ouvira falar em juros e em prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiras. Mas eram bonitas. Às vezes decorava algumas e empregava-as fora de propósito. Depois esquecia-as. Para que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica? Sinhá Terta é que tinha uma ponta de língua terrível. Era: falava quase tão bem como as pessoas da cidade. Se ele soubesse falar como Sinhá Terta, procuraria serviço em outra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado. Por isso esfolavam-no. Safados. Tomar as coisas dum infeliz que não tinha onde cair morto! Não viam que isso não estava certo? Que iam ganhar com semelhante procedimento? Hein? Que iam ganhar?

— Ahn!

Agora não criava porco e queria ver o tipo da prefeitura cobrar dele imposto e multa. Arrancavam-lhe a camisa do corpo e ainda por cima davam-lhe facão e cadeia. Pois não trabalharia mais, ia descançar.

(Continua na pág. 10)

MOMENTO FEMININO

Congresso Mundial de Mulheres



MOMENTO FEMININO

MULHERES DO MUNDO INTEIRO!

Nós que damos a vida e temos a tarefa de educar nossos filhos, contribuimos com o nosso trabalho para o progresso da civilização.

Para poder desempenhar nosso papel na construção de uma vida melhor, como mães, como trabalhadoras e como cidadãs, devemos desfrutar plenamente de nossos direitos políticos, econômicos e sociais.

Nos países em que esses direitos não lhes estão reconhecidos, as mulheres desejam conquistá-los e dispor dos meios para os exercer.

O desejo mais ardente de todas as mulheres é viver em paz e amizade com todos os povos do mundo. Estão dispostas a fazer tudo para salvar seus filhos dos horrores de uma guerra de extermínio.

A guerra, que já é uma terrível realidade para as mulheres da Coréia, do Viet-Nam e da Malaia, ameaça destruir o mundo inteiro.

As mulheres vêm todas as suas esperanças comprometidas pelos crescentes preparativos de guerra e a instalação de bases militares em numerosos países. A corrida armamentista acarreta para milhões de famílias uma baixa em seu nível de vida, o desemprego e a miséria.

MULHERES DE TODOS OS PAISES!

Para responder às profundas aspirações das mulheres, para buscar em comum uma solução para os grandes problemas que as preocupam, a Federação Democrática Internacional de Mulheres convoca para o mês de junho de 1953, na Dinamarca, o Congresso Mundial de Mulheres.

MAES, que quereis educar vossos filhos sem as privações que os preparativos de guerra agravam; que quereis vê-los bem alimentados, sadios e bem vestidos; que reclamais para eles mais habitações e mais escolas.

MAES, que quereis salvar vossos filhos dos sofrimentos e da fome; que estais privadas de todo direito; que careceis, assim como vossos filhos, da possibilidade de acesso à instrução e que vos incorporais a vosso povo na luta contra a opressão colonial;

ESSE CONGRESSO É O VOSSO CONGRESSO!

Operárias, empregadas, que vos ergueis contra os salários de miséria, o desemprego e a intensificação do ritmo de trabalho, agravados pela política de guerra; que levantai vosso direito a um salário igual por um trabalho igual, iguais possibilidades de qualificação e de emprego, e a aplicação e a extensão da legislação trabalhista.

Camponesas, que arrancais da terra o alimento indispensável à existência dos povos, que em tantos países viveis sob o jugo dos latifundiários, sempre oprimidas pelas dívidas e pelos impostos, que quereis gozar do fruto de vosso trabalho e que sejam introduzidos no campo e desenvolvidos os fatores do progresso.

Donas de casa, que tendes a preocupação ao constante do insuficiente orçamento familiar. Intelectuais, mulheres de profissões liberais, que reclamais a garantia de vosso trabalho e o livre acesso a todas as carreiras.

ESSE CONGRESSO É O VOSSO CONGRESSO!

MULHERES, que reivindicais vosso direito a participar da vida política de vosso país, o direito a eleger e ser eleitas; vosso direito ao trabalho, à instrução; a proteção à maternidade; mulheres que quereis o estabelecimento e a extensão dos seguros sociais e das instituições culturais e sociais; que lutais pela dignidade da mulher, pelos direitos democráticos, a independência de vossa pátria e a amizade entre os povos, e aquelas que viveis nos países em que a felicidade da infância e os direitos da mulher estão garantidos.

Nós, todas, que queremos viver e educar crianças belas num mundo libertado da bomba atômica e no qual o progresso e a ciência permitam a todos seu pleno desenvolvimento.

MULHERES DE TODOS OS PAISES, de opiniões, crenças e meios sociais diversos, que pertencemos ou não a uma organização feminina, qualquer que seja a cor de nossa pele.

O CONGRESSO MUNDIAL DE MULHERES É O NOSSO CONGRESSO!

Lancemo-nos imediatamente ao trabalho! Conversemos com cada mulher em sua casa, na fábrica, na oficina, no escritório, no Campo. Reunamo-nos, elejamos o designemos nossas delegadas. Enviemos ao Congresso milhares de mensagens, nossas propostas, nossas sugestões e nossas soluções.

ASSEGUREMOS, UNIDAS, O ÊXITO DO CONGRESSO MUNDIAL DE MULHERES.

Organizações e movimentos femininos, sindicatos, cooperativas, agrupações profissionais, culturais, sociais, familiares ou religiosas, organizações que defendeis a infância, fazei ouvir a vossa voz no Congresso Mundial de Mulheres:

MULHERES DE TODA A TERRA:

Estendamo-nos as mãos através das fronteiras para barrar o caminho à guerra, à opressão e à miséria.

Atuemos para impor:
o fim das guerras atuais;
a proibição das armas de destruição em massa, atômicas, químicas, bacteriológicas, o desarmamento progressivo, que conduzirá ao desarmamento geral;
a conclusão de um Pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potências;
Unidas, constituímos uma força invencível,
pela proteção de nossos filhos e de nossos lares,
por um mundo de paz

VIVA O CONGRESSO MUNDIAL DE MULHERES!

Federação Democrática Internacional de Mulheres.

ALADIN

AFRICANA

Para os folões de 53



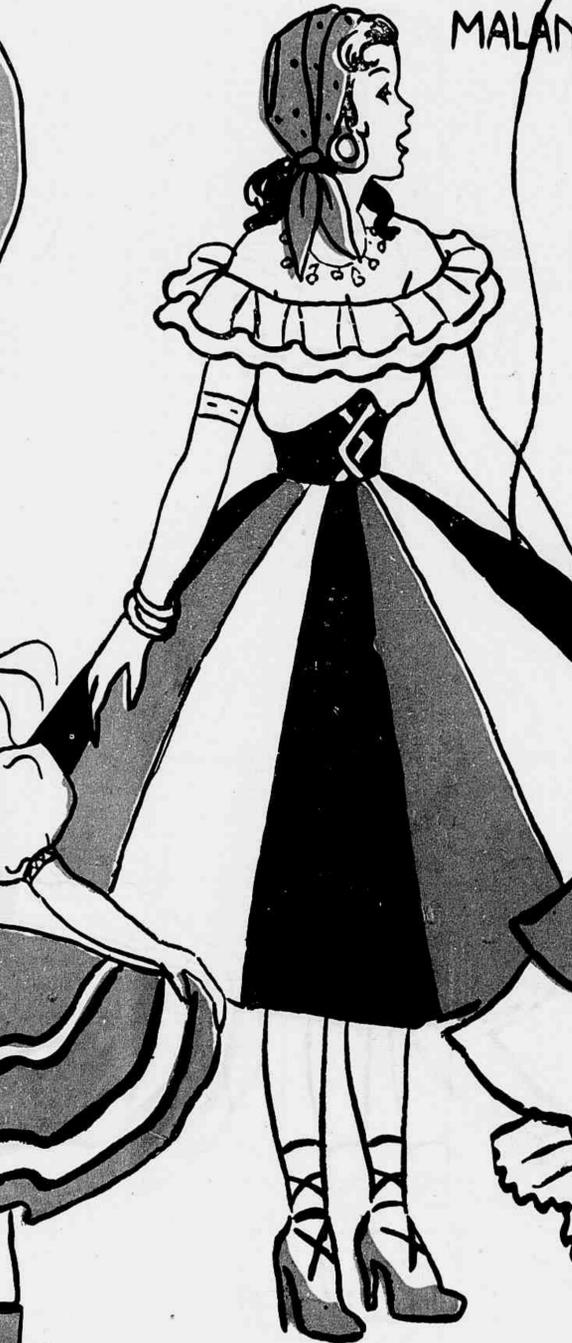
MALANDRO

BAIANA

← COLOMBINA



RUSSA



CIGANINHA



HOLANDEZ



Atividades Femininas

FESTA DE NATAL EM ERECHIM (Rio Grande do Sul)

A União Feminina de Erechim realizou uma festinha para os filhos de suas associadas, no dia de Natal. Foram distribuídos doces, balas e bolachinhas, ofertados pelas sócias. As sras. Gerda Prado, Helena Silveira e Ofélia de Miranda Kern usaram da palavra, falando sobre a data e problemas atuais. Várias crianças disseram versos e no fim, foram tocados discos de histórias infantis.

DUAS NOVAS UNIÕES FEMININAS NA BAHIA

Foram criadas mais duas uniões femininas na capital baiana: a «União Feminina 25 de dezembro», situada no Tanque e a União Feminina da Alegria», no bairro da Liberdade. Suas diretorias já foram constituídas e estão trabalhando com grande entusiasmo.

HOMENAGEM AS DELEGADAS BAIANAS

No dia 4 de dezembro, realizou-se na Galeria de Pintura Osumaré, oferecido pela Associação Feminina da Bahia, um coquetel em homenagem às delegadas que participaram da 1ª Assembléia Nacional de Mulheres. Inúmeras pessoas compareceram ao ato, tendo falado a Sra. Nair da Costa e Silva e agradecido, em nome das homenageadas, a poetisa Elisa Bandeira.

ASSOCIAÇÃO FEMININA CAMPOGRANDENSE

Num ambiente de grande entusiasmo, foi organizada no dia 11 de janeiro a nova Associação Feminina do bairro de Campo Grande, no D. F.

É a seguinte a diretoria eleita: Presidente — Jovina Garcia de Oliveira; 1ª vice-presidente — Elisabete Calabre Leite; 2ª vice-presidente — Francisca Novato Neto; secretária — Maria das Dores Novato; 2ª secretária — Maria José dos Santos; tesoureira — Ivanilda Calabre Leite.

A nova Associação já iniciou um trabalho de coleta de assinaturas entre os moradores do bairro, para a construção de uma ponte ligando os bairros de Magarça a Cordeira, documento esse que já conta com dezenas de assinaturas e será encaminhado à Câmara de Vereadores.

★

NAZARINO — Estado de Goiás

Nossa representante dona Maria Francisca Maia nos comunica que foi reorganizada a União Feminina daquela cidade, sendo eleita a seguinte diretoria: Presidente — Sra. Benny Rosa; vice-presidente — Sra. Ana Lemes de Moraes; Secretária — Maria Francisca Maia; Tesoureira — Rita G. de Carvalho.

Luta Contra a Carestia

A ORGANIZAÇÃO FEMININA DE UBERLÂNDIA promoveu um vigoroso movimento contra a carestia de vida, no decorrer do mês de dezembro p. passado, com o apoio e adesão de várias outras organizações, profissionais e após o qual importantes medidas foram aprovadas.

No dia 22 de dezembro, realizou-se uma animada Mesa Redonda, da qual participaram, além da Org. Feminina, mais as seguintes entidades: Associação dos Choferes, Ass. da Construção Civil, Associações Esportivas, As. dos Corretores. Estiveram presentes o Prefeito Municipal, Sr. Cubal Vilela da Silva, e o presidente da Câmara Municipal, onde se realizou a Mesa Redonda.

Uma importante resolução foi aprovada por todos os presentes: criar uma Comissão Permanente de luta contra a carestia, na qual estão representadas as organizações aderentes.

O assunto mais debatido foi o do funcionamento de um Armazém de Emergência, cuja criação foi aprovada em lei, há dois anos, e também o de uma cooperativa, controlada pelas Associações de classe, com verba concedida pela Prefeitura.

Nova assembléia será realizada no dia 19 de janeiro, também na Câmara Municipal, a fim de apresentar as propostas da Comissão já constituída.

★

NOVAS DIRETORIAS

Federação de Mulheres do Rio Grande do Sul

Após a realização da Terceira Convenção Feminina do Rio Grande do Sul em novembro p. passado, foi eleita a nova diretoria da Federação de Mulheres do R. G. do Sul, que ficou assim constituída:

Presidente — Sra. Odith Saldanha; 1ª Vice-pres. — Aracy Del'Arroio; 2ª Vice-pres. — Rita Brandão; 1ª Secretária — Esther Milman; 2ª Secretária — Sibilla Gutierrez; 1ª Tesoureira

— Ambrosina Correia; 2ª Tesoureira — Leonor Cabral.

Seção de Pelotas

Na cidade de Pelotas, a seção da Federação de Mulheres do R. G. do Sul procedeu também à eleição de sua nova diretoria, que é atualmente a seguinte:

Presidente — Dinorá Madruga Real; Secretária — Iria Tavares; Tesoureira — Maria Fonseca.

★

ASSEMBLÉIA FEMININA EM PERNAMBUCO

Na Vila do Arraial, bairro de Casa Amarela, realizou-se uma importante assembléia, para a preparação do Congresso dos Povos pela Paz. Revestiu-se de grande brilhantismo e entusiasmo, demonstrando o desejo de paz das mulheres pernambucanas.

Falaram as Sras. Nise Duarte, presidente da As. de Mulheres de Pernambuco e Josefa Alves Feitosa, presidente da União Feminina de Casa Amarela.

O conjunto musical «Estrela do Norte» executou vários números de canto, muito aplaudidos.

Foi apresentada a candidata ao título de «Rainha da Paz», senhorita Nelinha Mendes.

Mais um Clube Infantil

PARABÊNS AO PORTO DA MADEIRA, EM RECIFE (Pernambuco)

— No dia 12 de outubro, no bairro do Porto da Madeira, realizou-se uma festa infantil no Instituto Santo Amaro, com o comparecimento de 120 crianças, que tomaram parte em diversas brincadeiras. Foram distribuídos prêmios aos vitoriosos em jogos e corridas — três pelo Instituto Santo Amaro e 3 pela Associação de Mulheres de Pernambuco. Ester B. Simas, uma pequenina de 5 anos, deliciou a assistência com números de canto e declamação. Por iniciativa da tesoureira da Associação de Mulheres de Pernambuco, Sra. Ofélia Cavalcanti, que demonstrou, em eloquentes palavras, o significado da data e a finalidade daquela festa de confraternização, foi fundado o Grêmio Infantil «Clube 12 de Outubro», com a seguinte diretoria: José Braz de Farias, presidente; Amaro da Silva, vice-presidente; Moema Cavalcanti, 1ª Secretária; Norma Jaguaribe, 2ª Secretária; Magnólia Cavalcanti, tesoureira.

PROTESTO DE MÃES MINEIRAS

57 mulheres do bairro do Horto, em Belo Horizonte, dirigiram ao Ministro da Justiça um protesto contra as condições em que estão presas Marinetti e Jean Sarkis, submetidas aos maiores vexames, sem permissão de visitas e sem assistência médica. Dizem naquele protesto: «Estes fatos, Sr. Ministro, revoltam a consciência de qualquer homem ou mulher, pois vêm ferir o próprio sentimento de solidariedade humana.»

Vidas Sêcas

(Conclusão da pág. 6)

Talvez não fôsse. Interrompeu o monólogo, levou uma eternidade contando e recontando mentalmente o dinheiro. Amarrotou-o com força, empurrou-o no bolso raso da calça, meteu na casa estreita o botão de osso. Porcaria.

Levantou-se, foi até a porta duma bodega, com vontade de beber cachaça. Como havia muitas pessoas encostadas ao balcão, recuou. Não gostava de se ver no meio do povo. Falta de costume. Às vezes dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões. Perigoso entrar na bodega. O único vivente que o compreendia era a mulher. Nem precisava falar: bastavam os gestos. Sinhá Terta é que se explicava como gente da rua. Muito bom uma criatura ser assim, ter recurso para se defender. Ele não tinha. Se tivesse, não viveria naquele estado.

Um perigo entrar na bodega. Estava com desejo de beber um quarteirão de cachaça, mas lembrava-se da última visita feita à venda de seu Inácio. Se não tivesse tido a idéia de beber, não lhe haveria sucedido aquele desastre. Nem podia tomar uma pinga descansado. Bem. Ia voltar para casa e dormir.

Saiu lento, pesado, capiongo, as rosetas das esporas silenciosas. Não conseguiria dormir. Na cama de varas havia um pau com um nó, bem no meio. Só muito cansaço fazia um cristão acomodar-se em semelhante dureza. Precisava fatigar-se no lombo dum cavalo ou passar o dia consertando cercas. Derreado, bambo, espichava-se e ronçava como um porco. Agora não lhe seria possível fechar os olhos. Rolaria a noite inteira sobre as varas, matutando naquela perseguição. Desejaria imaginar o que ia fazer para o futuro. Não ia fazer nada. Matar-se-ia no serviço e moraria numa casa alheia, enquanto o deixassem ficar. Depois sairia pelo mundo, iria morrer de fome na catinga sêca.

Tirou do bolso o rôlo de fumo, preparou um cigarro com a faca de ponta. Se ao menos pudesse recordar-se de fatos agradáveis, a vida não seria inteiramente má.

Deixara a rua. Levantou a cabeça, viu uma estrêla, depois muitas estrelas. As figuras dos inimigos esmoreceram. Pensou na mulher, nos filhos e na cachorra morta. Pobre de Baleia. Era como se ele tivesse matado uma pessoa da família.

COZINHA

VIRGÍNIA

MASSAS DIVERSAS

1) MASSA PARA TORTA:

Deite num alguidar ou tigela grande 1 quilo de farinha de trigo. Junte 3 colheres de manteiga, 2 de gordura, um pouco de salmoura fria (água com sal) e 4 ovos. Amasse muito bem, sove um pouco e deixe a massa descansar, coberta com um pano úmido. Depois de descansar umas duas horas, leve-a para uma mesa ou mármore e divida-a em duas partes: abra com um rôlo ou garrafa uma das partes, forre com ela uma fôrma ou assadeira untada, ajustando bem a massa e cortando junto às bordas. Encha com um bom recheio, aproveitando até sobras de galinha com um novo refogado, ou camarões. Abra a outra metade da massa e cubra bem apertando contra a outra parte, pincele com ovos batidos e leve ao forno quente.

2) MASSA PARA PASTÉIS DE FORNO:

Tome 3 xícaras de farinha de trigo, junte-lhes 1 colherinha de fermento e peneire essa mirtura sobre um mármore ou mesa; faça uma cova no centro e deite aí 4 ovos, 1 colher de manteiga, 1 colher de gordura, 6 de leite e 1 de pinga. Sal a gosto. Misture tudo muito bem, amassando e, quando obtiver uma massa bem igual, abra-a com o rôlo sobre a mesa enfarinhada. Depois de aberta a massa corte rodélas com auxílio de uma xícara ou do feitiço que gostar, arrumando bem ao centro o recheio que escolher. Dobre a massa por cima apertando com os dedos as beiradas do pastel e leve a assar num taboleiro untado e polvilhado de farinha. Asse em forno quente, tendo antes pincelado cada pastel com ovos batidos.

3) NHOQUE

Cozinhe 1 quilo de batatas, sem casca, em água e sal. Depois escorra a água e passe as batatas no espremedor; meça a quantidade obtida dessa massa de batatas e para cada 10 colheres dessa massa junte 3 de farinha de trigo, uma colher de manteiga e 3 ovos. Amasse tudo muito bem até a massa se tornar perfeitamente uniforme polvilhe então a mesa com farinha de trigo, tome bocados da massa enrole sobre a mesa formando rolinhos e vá cortando em pedaços pequenos. Proceda assim até terminar. Depois deite a cozinhar em uma panela com água fervendo, à medida que forem cozinhados os nhoques irão subindo à tona da água fervendo. Então vão sendo retirados com uma espumadeira para uma travessa, para escorrer. Depois arrume-os num prato em camadas com molho e queijo parmesão ralado. Sirva quente.

Cuide de sua Beleza

SARA DIAS

UMA LOÇÃO SIMPLES...

Queremos dar hoje às nossas amigas leitoras algumas sugestões ainda sobre a limpeza da pele e receitas simples, que podem ser preparadas em casa, sem dificuldade alguma.

As pessoas que têm muitas espinhas, devem lavar o rosto duas ou três vezes por dia com um sabonete neutro, enxaguando bem.

Um excelente meio de trazer à flor da pele suas impurezas, consiste em friccioná-la com um paninho fino; assim, as impurezas que se acumulam nos poros, surgem à vista.

Uma loção simples, para ser aplicada todos os dias, especialmente após a extração dos cravos, é a seguinte:

Borato de sódio — 5 gramas

Glicerina — 50 grs.

Álcool — 50 grs.

Água de rosas — 50 grs.

A limpeza da pele pode ser feita uma vez por mês. Sugiro o uso de uma máscara de gema de ovo, algumas gotas de limão e uma colherinha de mel de abelha.

Com essa máscara tão simples, sua pele ficará rejuvenescida.

Não se deve esquecer, porém, que para ter uma pele limpa e bonita, é indispensável uma alimentação conveniente: rica em verduras, legumes e frutas. Um alimento muito indicado é a coalhada, que deve ser tomada diariamente.

No próximo número, daremos algumas indicações para o tratamento da pele seca.

ALGUNS CONSELHOS

1 — Se a amiga quer cozinhar ovos, deve juntar à água uma colherinha de vinagre, porque assim eles não se racham.

2 — Vai lavar sua blusa de organdi? — Então, ponha na água de enxaguar uma colherinha de maisena. Dêse modo, você não necessita de goma.

3 Para que sua blusa de malha não encolha depois de lavada, você deve prendê-la com alfinetes, ainda úmida, num pano felpudo, esticando-a até que fique na medida antiga.

4 — As manchas de iodo são mais fáceis de tirar da roupa, desde que se tenha o cuidado de esfregá-las com álcool, logo em seguida.

5 — Para obter cebolas fritas realmente deliciosas, ferva-as uns poucos minutos em água com sal.

Decorando o seu Lar...

Se você possuir apenas uma sala, não faça dela uma sala-de-jantar típica, com mesa, cadeiras, bufê e cristaleira, tão em voga ainda entre nós.

Não obrigue os de casa e as visitas a sentar-se incômodamente em torno da mesa para conversar.

Faça de sua sala um conjunto harmonioso que reúna as 2 utilidades: lazer e refeição.

Use uma mesa tipo console ou mesmo retangular, com abas ou extensível, encoste-a num vão livre de parede, coloque sobre ela um objeto bem decorativo: um vaso por exemplo, (e ainda, se for mesa maior pode colocar também 1 par de candelabros) e de cada lado encoste à parede 1 cadeirinha estofada. Na hora da refeição, desencoste a mesa para aumentar sua capacidade.

Pendure na parede, bem sobre o centro da mesa, 1 espelho, 1 quadro maior ou 1 grupo de quadros menores emoldurados idênticamente.

Na parede principal um sofá com 2 poltronas de assento alto ou 2 cadeiras de braços, estofadas como as cadeirinhas formarão o grupo para conversação, com mesinhas nos lados e no centro. As cadeiras de braços servirão em caso de necessidade para convivas extras. Se sua família for mais numerosa tenha em vez de duas, quatro cadeirinhas.

Para substituir o clássico bufê, use um desses móveis baixos e compridos dividido em três partes: uma para guardar louça, outra onde será adaptado o rádio, toca-discos ou um bar (ou os 3), e a terceira que constará de várias prateleiras para livros, vasos e enfeites.

Quadros, pratos e outros adornos nas paredes tornarão uma sala assim decorada, confortável nas horas de lazer e agradável à vista.

E não esqueça da cortina que é um dos elementos principais na decoração.

MARILÚ

UMA SUGESTÃO

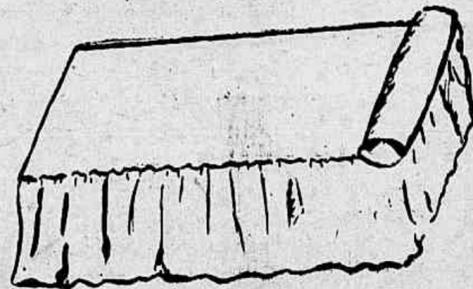
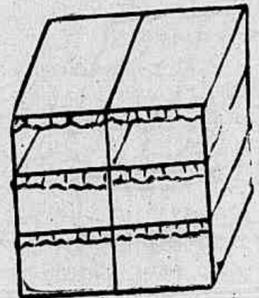
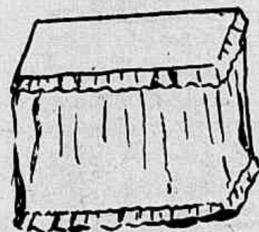
De uma leitora de S. Paulo recebemos as seguintes sugestões que publicamos, esperando que agradem às nossas amigas:

Que faria você se não tivesse móveis?

Dois caixotes, um em cima do outro, fazem uma penteadeira; o espelho pode ter como moldura um babado. (Fig. 1).

Vários caixotes das mesmas dimensões fazem um guarda-coisas. (Fig. 2).

Um estrado de cama, coberto, torna-se um divã. (Fig. 3).



MENSAGEM

de

RAYMONDE DIEN

Por ocasião do Congresso dos Povos pela Paz, recentemente realizado em Viena, Raymonde Dien, a corajosa partidária da paz que, num gesto de bravura, se atirou sobre os trilhos para impedir a passagem de um trem que conduzia armas para a «guerra suja» do Viet-Nam, enviou às mulheres brasileiras, através de MOMENTO FEMININO, a mensagem que publicamos abaixo:

QUERIDAS AMIGAS, jovens, mulheres e mães brasileiras:

Sinto-me muito feliz em poder saudar calorosa e tuosamente as leitoras do jornal "Momento Feminino".

Queridas amigas, sabemos que vossa luta é difícil, mas conhecemos vossa coragem e vossa firme vontade de paz.

Queridas amigas, vossa luta é a nossa luta, vosso combate é o nosso combate; tôdas juntas ganharemos a paz para o mundo e a felicidade para nossos filhos.

Como diz a mensagem do Comité Executivo da Federação Democrática Internacional de Mulheres, dirigindo-se às mulheres de todos os países, por motivo do 3º Congresso Mundial da Paz, em Viena, a 12 de dezembro de 1952:

"Jovem mãe que te inclinas sobre o berço de teu filho,
Mãe de cabelos grisalhos que conhecestes a horrível

[crueldade da guerra,

Moça que entras na vida com o coração cheio de

[esperanças...

Deves trabalhar sem tardança.

Explica incansavelmente a teus parentes, a teus amigos, a teus vizinhos, que é possível e indispensável evitar a guerra."

A V I D A

(CONCLUSÃO DA PAG. 4)

— Que situação complicada — observou. — Que devemos fazer? Precisamos decidir imediatamente. E de maneira sensata. Quero, em primeiro lugar, agradecer-lhe por tudo que fez por Kolya e pelo carinho e amor que lhe dispensou. Estou realmente profundamente grato. Se o tivesse encontrado por aí abandonado nem sei o que faria. Não quero nem pensar... Bem, que faremos quando eu voltar da guerra?

— Para que pensarmos nisso agora? — replicou Rogaltchuk, com firmeza. Quando chegar a ocasião estou certa de que resolveremos a questão da melhor maneira para o menino.

Nunca o pequeno parecera tão querido para o pai. Na sua camisinha remendada parecia muito preocupado. Compreendia que seu destino estava sendo traçado, e talvez receasse que os adultos não o decidissem da melhor maneira.

O major suspirou.

— E seu ordenado — dá para dois?

— Não tenho queixas — retrucou Rogaltchuk. Seu semblante desanuviava-se.

— E quanto a roupas — deve ser um problema difícil hoje em dia?

— Ele tem o essencial. A época também não é para luxos. Além do mais Kolya é um menino ajuizado e de boa índole.

— Bem, contribuirei com uma parte do que ganho. Outra coisa: a senhora terá que se pôr em contacto com a cooperativa do Exército e da Marinha. É, vamos fazer isso. Tem um lápis? Tome nota do número do meu correio de campanha.

Rogaltchuk tomou nota.

— Talvez agora queira lavar o rosto? — disse ela oferecendo-lhe uma bacia d'água.

— Obrigado. Não estou tomando seu tempo, espero?

— Não, não. Hoje é meu dia de folga.

— Mamãe vai me levar ao cinema hoje — disse Kolya. — Quer ir também, papai?

— Não posso, meu filho. Tenho que viajar. Mas irei acompanhá-los até lá.

Rogaltchuk retirou-se do quarto para deixar o major à vontade. Este lavou o rosto e o pescoço. Depois pegou o passaporte de Ro-

BORIS TALITSKY.

é o autor desse

belo retrato de

RAYMONDE DIEN.



Na França dizemos: "Já nos cansamos de dar heróis para a guerra, queremos dar heróis do trabalho, para a vida e a felicidade."

Queridas amigas, nossa força é imensa, tôdas juntas repeliremos a guerra — então a infância poderá se desenvolver livremente e para tôdas as crianças do mundo o sol brilhará, como brilha na grande e bela União Soviética, onde a infância é feliz da felicidade de viver.

Queridas amigas, todos os meus votos de pleno êxito na vossa luta pela paz.

Vivam a amizade e a unidade das mulheres brasileiras e francesas!

Viva a Paz!

(as.) RAYMONDE DIEN .

galtchuk e pôs-se a examiná-lo atentamente. Estava ainda lendo quando ela voltou.

— Então seu nome é Zinaida Antonovna — disse, meio sem jeito. — Ora, ora. Eu sou Vasili Vasilyevitch. Penso que é melhor tornarmos-nos amigos, que achá?

— Acho que é boa idéia — respondeu ela, sorrindo.

O major escovou o uniforme e limpou com o lenço as condecorações do peito.

— Bom, é hora de ir-me embora.

Sairam juntos, dando a mão ao garoto.

Brazhnev, com suas condecorações, atraía a atenção de toda a garotada. Paravam para olhá-lo de boca aberta. Kolya, orgulhoso e feliz, seguia entre os dois.

No ponto do bonde o major ergueu o menino e beijou-lhe o rosto, o pescoço, os bracinhos magros.

— Queira bem a Zinaida Antonovna e faça tudo que ela mandar — disse.

— Quem? — perguntou o menino.

— Sua mãe... ela...

— Eu já gosto mesmo dela. E você?

Zinaida Antonovna empalideceu um pouco e todo seu corpo retraiu-se instintivamente.

— Kolya, meu bem, diga para papai escrever para você.

— Papai, você vai escrever para a gente, não vai?

— Sim, é claro. E você me escreva também, Kolya.

— Vamos ver, então, se será um menino bonzinho e obediente.

— Mamãe escreverá e eu farei uns desenhos na carta.

— Ótimo. Bem, obrigado por tudo... Deixemos as coisas como estão. Adeus, Zinaida Antonovna — e pela primeira vez ele fitou-a nos olhos, simplesmente, francamente.

— Mas porque não beija mamãe? Você me beijou, mas não beijou mamãe. Por que, papai?

Brazhnev abraçou-a e tocou-lhe levemente a testa com os lábios.

— Sou-lhe imensamente grato, minha amiga.

Ele subiu no bonde e, apesar de haver muitos lugares vazios, ficou no estribo a contemplar longamente a frágil figura daquela mulher desconhecida e a frágil criança a seu lado.

SOCIAIS

ANIVERSARIOS:

16 de dezembro — Dona Conceição Alvarez, nossa amiga de Uberaba, Minas Gerais.

4 de dezembro — Regina Fortunato, filhinha de Maria R. Pezzatto e Lazaro Pezzatto, nossos amigos de Piracicaba.

14 de dezembro — Maria Aparecida, filhinha de Eraides Gacomoni e Natal Perin, também de Piracicaba.

6 de janeiro — Talma Arvelos Dias, secretária do "Clube da Fraternidade Infantil", de Belo Horizonte.

2 de fevereiro — Vera Lúcia, filha de Madalena de Oliveira

Menezes, nossa amiga de Belo Horizonte.

8 de fevereiro — Adalgisa, também filhinha de D. Madalena e do Sr. Erasmo de Oliveira Menezes.

13 de fevereiro — Alberto David Jardim Decat, residente em Belo Horizonte.

NASCIMENTO:

Acha-se em festa o lar de nossa assinante D. Maria Rissi e de seu espôso, Sr. Lazaro Pezzatto, com o nascimento de um robusto garôto, que recebeu o nome de Ezio Antonio.

Aniversário de Marinete

No dia 15 de janeiro completou mais um ano de vida nossa querida amiga Maria Afonso Lins, a nossa Marinete.

Prêsa há mais de um ano, por sua luta contra a ameaça que pesa ainda sobre nossa juventude, de ser enviada para morrer na Coréia, Marinete comemora seu aniversário atrás das grades de uma prisão, sujeita a arbitrariedades e violências do governo do Sr. Getúlio Vargas.

As vésperas do Ano-Novo, uma numerosa comissão de amigas de Marinete, que foram visitá-la na Penitenciária de Bangu, tiveram sua entrada barrada, pela administração. Apesar disso, foram inúmeros os presentes que receberam, ela e Jean Sarquis, de amigas de todo o Brasil. Mensa-

gens, com dezenas de assinaturas, cartões, doces e brindes, chegaram de toda parte, como testemunho do carinho de dezenas de amigas.

O movimento pela libertação dessas duas valentes partidárias da paz, que há mais de um ano estão cumprindo uma pena injusta e arbitrária por sua luta corajosa contra a participação de nossos jovens na guerra da Coréia, deverá ter agora um novo impulso, ante a ameaça de se concretizar aquele perigo, com a assinatura do Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos.

MOMENTO FEMININO cumprimenta Marinete, por mais um aniversário e por sua firme posição de ardente lutadora da causa da paz.

Educando Nossos Filhos

A infância deve ser a grande preocupação de todos, neste momento em que se faz sentir no mundo a grande luta pela paz. Da criança de hoje depende o homem de amanhã e é educando-a no respeito e na compreensão de seus semelhantes que conseguiremos um futuro em que a paz e a fraternidade não sejam apenas um desejo de alguns, mas uma realidade para todos.

Da educação de uma criança depende o seu comportamento futuro em face da sociedade. Devemos tratá-la com brandura e também com justiça. Não pensemos que um castigo mal aplicado não traz conseqüências, embora aparentemente não pareça, ele deixa na alma da criança a máguia contra quem a fez sofrer sem motivo. «Errar é humano» diz a sabedoria popular e, reconhecer o erro é um dever. Se algum dia reprenderes um filho sem razão, não te envergonhes de voltar atrás e reconhecer perante ele o teu engano: o teu exemplo será



mais benéfico e serás mais digna de respeito do que se quiseres manter uma falsa autoridade achando que os adultos nunca se enganam. Esta exorbitância de mando não passará despercebida à criança.

Para a educação de uma criança devemos ter sempre presentes: brandura, justiça e coerência.

ANA AMÉLIA



D. Nair da Costa e Silva, falando à reportagem de «Momento Feminino».

O Movimento Teatral na Bahia

Entrevista concedida a «MOMENTO FEMININO» pela Sra. Nair da Costa e Silva, presidente do Teatro de Cultura, de Salvador.

A correspondente de «Momento Feminino» na cidade de Salvador, procurou D. Nair da Costa e Silva, expressiva figura dos meios culturais daquele Estado, a quem formulou várias perguntas sobre o movimento teatral na capital baiana.

Inicialmente, indagamos de D. Nair o que achava do movimento teatral baiano e do seu progresso.

— O movimento de teatro na Bahia, respondeu ela, é quase nenhum e sendo assim, que progresso poderemos ter?

Qual a sua opinião sobre o teatro amador baiano?

— Ainda muito difícil de ser compreendido na Bahia o teatro, devido ao preconceito reinante; tanto assim que o Teatro de Cultura da Bahia tem tido lutas renhidas para conseguir elementos, principalmente femininos.

Perguntamos em seguida a D. Nair se poderia apresentar algum programa ou sugestões, a fim de se levar o teatro ao povo, que não pode pagar preços elevados.

— Programa não, diz ela. Sugestão, sim. O teatro nos bairros a preços populares. Como fez o teatro do estudante, de Paschoal Carlos Magno, por todo o norte do país, no ano passado. Aliás, em Recife também já se faz.

Interessa-nos também saber sua opinião sobre a possibilidade do teatro infantil, na Bahia.

— O teatro infantil na Bahia, responde-nos, já é uma realidade e sendo assim, é fácil sua realização. É muito interessante e educativo.

Queremos saber, finalmente, se acha que os poderes federais, estaduais e municipais poderiam concorrer para o desenvolvimento do teatro amador baiano.

— Os governos municipais, estaduais e federal, diz D. Nair, estavam na obrigação de concorrer para o desenvolvimento do teatro amadorista; mas infelizmente, ainda não conseguimos nada de positivo, simples promessas.

Antes de encerrarmos nossa palestra com D. Nair da Costa e Silva, pedimos-lhe que nos diga alguma coisa sobre sua vida teatral.

— Sempre fui apaixonada pela arte cênica. Desde criança que vejo teatro. Foi uma grande alegria quando pela primeira vez pisei a ribalta. Estreei no Teatro de Amadores Fantoche, nas operetas Viuva Alegre, Conde de Luxemburgo e Princesa dos Dólares. Apesar de o meu gênero ser caricatural, já fiz papéis centrais. Após uma visita a Recife, onde constatei o progresso do movimento teatral no norte, tive coragem de criar na Bahia um Teatro de Amadores e fundei o Teatro de Cultura, ao lado de Hélio Neves da Rocha. Apesar das enormes dificuldades que tenho encontrado, segurei desassombadamente, junto aos meus companheiros de ideal, a carreira que abracei com tanto amor.

E concluiu:

— O Teatro de Cultura da Bahia estará sempre firme ao lado dos infelizes, prosseguindo em suas obras de assistência social.

LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

RUA DO CARMO, 49, 2º ANDAR, SALA 25
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas

FONE: 23-1064

Exceto aos sábados

HERÓI DO POVO PARAGUAIO!

HÁ mais de dois anos encontra-se ilegalmente prêso, na Cadeia Pública de Assunção, sem ar, sem luz e em perigo de vida, uma das mais altas figuras democráticas do Paraguai — Obdulio Barthe.

É preciso que as mulheres brasileiras conheçam a vida de Barthe, a penosa situação em que se encontram sua esposa e seus filhos, a triste morte a que foi condenada sua velha mãe e iniciem um ativo trabalho de solidariedade para conseguir sua libertação.

Obdulio Barthe surgiu na vida política paraguaia, em defesa dos direitos democráticos de seu povo, ainda muito jovem, como líder estudantil. Foi presidente do Centro de Estudantes Secundários e vice-presidente da Federação Universitária. Participou de maneira brilhante do Congresso Continental contra o Fascismo e a Guerra, reunido em Montevidéu em 1928.

Em 1931, a frente de um grupo de patriotas, apoderou-se do governo de sua cidade natal, durante 24 horas. Refugiou-se depois disso no Brasil, sendo arrancado da prisão em que fora jogado, graças à solidariedade do povo do Paraná.

Desde 1932 até 1946, dirigiu a resistência clandestina no Paraguai, contra as ditaduras cruéis que ali se têm sucedido.

Em julho de 1950, foi prêso em Buenos Aires, sendo bestialmente torturado e entregue ao governo ditatorial de Chaves.

A esposa e companheira de Barthe, Dora Frei, é uma das mais destacadas líderes femininas de sua pátria. Professora normal, foi vice-presidente da Associação Feminina e redatora do jornal «Por la mujer». Por sua atuação democrática destacada, foi deportada várias vezes.

Dois filhos possui Barthe: Rosa Luxemburgo, de 16 anos, e Felix Miguel, em memória do mártir juvenil Felix Ahero, assassinado em 1937 pela «Frente de guerra» — organização nazi-integralista. Ambos participam ativamente das lutas democráticas de seu povo.

A mãe de Barthe, D. Agustina Lizardo, já sexagenária, batalhou incansavelmente pela libertação do filho, enfrentando os vexames e as arbitrariedades do governo fascista de Chaves-Caballero.

A 27 de agosto de 1952, ela vinha a falecer, se conseguiu

ver pela última vez o filho querido. Foram suas últimas palavras:

— «E não me deixaram ver meu filho, êsses miseráveis!»

Grande foi a dor de Barthe ao receber a notícia da morte de sua mãe e belas as palavras que escreveu então:

«Ontem recebi a notícia da morte de minha mãe. A última vez que veio ver-me aqui ela sabia que seu fim estava próximo e que talvez não me visse mais. Disse-me então: tu triunfarás, porque és um bom filho, e se despediu na porta do calabouço, beijando-me na testa.

Não me permitiram acompanhá-la em sua agonia. Ante esta dor profunda que sinto, eu falei a mim mesmo desta maneira: mamãe, tu me amaste; conheço teus desvelos; em tua boca sempre houve para mim a palavra de alento, nunca de fraqueza e menos ainda de covardia. Eu te correspondo e correspondo com amor igualmente grande, militando no Partido que luta para libertar definitivamente milhares de mães que trabalham nas fábricas, estâncias, chácaras, no serviço doméstico, onde são desumanamente exploradas e oprimidas e onde na maioria perdem prematuramente a saúde e a vida.»

A luta e o sofrimento das mulheres paraguaias é a mesma luta das mulheres brasileiras, em defesa da vida de seus filhos e do progresso de sua pátria. São vítimas também de duras condições de vida, sob um regime que elimina as liberdades democráticas e as quer manter no atraso e na miséria.

A tradição de solidariedade do povo brasileiro e especialmente de suas mulheres, deverá mostrar-se intensamente, mais uma vez, através de um movimento a favor da libertação imediata de Barthe.

O processo contra ele forjado, já nulo juridicamente, por sua inconsistência, exige que seja libertado.

Sua vida corre perigo, seus filhos e sua esposa sofrem há mais de dois anos, sua velha mãe já foi sacrificada.

É preciso escrever para o presidente da República, D. Federico Chaves — Palácio do Governo — Assunção; ou para a Embaixada do Paraguai — Rua Assis Brasil, 70 — Copacabana, pedindo a sua libertação.

8 de Março

Por NEUSA CARDIM

Dos mais longínquos recantos da terra em paz ou em guerra, mulheres unidas desfilam e celebram, a 8 de março, o dia internacional,

nos rostos marcados nos membros cansados, nos pés doloridos, nas vestes rasgadas, os sulcos de lutas vencidas com a reação...

Hoje, no entanto, os lábios cansados sorriem, entoam canções... e, mãos confiantes, elevam bem alto, bandeiras brancas de Paz!

Bandeira branca da Paz! símbolo de grandes lutas para evitar a hecatombe que ameaça desabar! Elas arriscam suas vidas pelas vidas dos seus filhos, — os frutos do seu amor! Por amor à sua pátria, esclarecendo seu povo, desmascaram traidores, grandes industriais, "trusts", negociastas ou cadeias de jornais!

E, as pequeninas mulheres — SÃO GIGANTES — Nesta luta desigual!

No Brasil, na minha terra, o desfile se avoluma, se avoluma sem parar! Fluminenses e gaúchas desfaldam faixas no ar... todos tecidos de estrêlas resplandecem os nomes das heroínas — ZÉLIA e ANGELINA, que tombaram em praça pública, sacrificadas na luta!...

Mulheres paulistas carregam bem alto, retratos de ELISA — a libertada pelo povo! MARINETTI e JEAN SARQUIS — estão em tôdas as mãos... Elas ainda se encontram nos cárceres da reação... Seguem grevistas de Lafayette e Cruzeiro, Donas de casa do Rio, São Paulo e do Paraná... Irmãs das heroínas de Tejucupapo — pernambucanas tosquiadas na polícia! Irmãs do poeta Castro Alves — — baianas lutadoras de Corta-Braço! Lutadoras do norte, do centro, do sul do Brasil!

nos rostos marcados nos membros cansados, nos pés doloridos, nas vestes rasgadas, os sulcos de lutas vencidas com a reação...

Hoje, no entanto, unidas às que são felizes, os lábios cansados sorriem... entoam canções... e, mãos confiantes, agitam bem alto bandeiras brancas de Paz!

OFICINA DE CONCERTOS ELECTRO-MECÂNICA

DARWIN DA SILVA REIS

Rádio, Geladeiras, Enceradeiras, Bombas-Hidráulicas,
Ferros, Chuveiros, Fogareiros, Aquecedores Elétricos,
Fogões a Gás, etc.

FONE 42-0954

Mensagens Recebidas

«MOMENTO FEMININO» recebeu as seguintes mensagens e cartões de saudação pela passagem do Ano Novo: de Rita Malheiros, nossa representante em Florianópolis, Santa Catarina; de Jean Sarquis, a valorosa partidária da paz que se encontra prêsa há mais de ano; de várias amigas de Maceió, Alagoas; de Sílvia Chalréo, nossa amiga do D. Federal; da Gráfica Ronel, onde se imprime nossa revista; da Cia. T. Janér, fornecedora de papel de imprensa.

A todos retribuimos os votos de feliz ano novo e agradecemos.

Vida de Momento Feminino

Correio Feminino

O que nos contam as nossas amigas de:

BELO HORIZONTE — Anita D. da Silva comunica-nos que sendo convidada a uma festa de aniversário, levou consigo 2 exemplares de **MOMENTO FEMININO** de presente à mãe do aniversariante, ocasionando entre as senhoras presentes à festa a seguinte discussão em torno da Revista. Falou uma senhora que o jornal era um motivo de orgulho para a mulher brasileira pois isso significava que as mulheres estão avançando para sua independência e que com isso poderemos dar uma grande ajuda à Nação, ainda mais agora que estamos atravessando um perigo de guerra, como já existe na Coréia, etc.

Disse outra senhora já de

idade avançada que gostou muito da página que traz receitas de arte culinária, sendo pratos bons e baratos. — «Desejo que este jornal continue a melhorar cada vez mais, são meus sinceros votos e naturalmente os de toda mulher que luta pela independência de nossa tão explorada Pátria, termina a mis-sivista.

★

DISTRITO FEDERAL (Jacarepaguá) — Ao **MOMENTO FEMININO** envio felicidades pelo Natal, votos de prosperidade além de um promissivo ano de 1953. Abraços afetuosos esperando que Jesus nos ilumine por intermédio de seus espíritos luminosos. (De nossa assinante Dyla S. de Sá).

A OPINIÃO DAS LEITORAS

Damos abaixo trechos de cartas de nossas representantes, falando-nos sobre o aumento do preço de nossa Revista para dois cruzeiros.

ALAGOAS — Maceió — Marina Leocadia Freitas — Carta de 29-9-52:

“... Houve entre “minhas freguesas” diversas que acham que o preço de Cr\$ 1,00 não é justo para uma revista como o **MOMENTO FEMININO** e insistiram em pagar-me mais...”

GOIAS — Catalão — Mariana B. Silva — Carta de 15-11-52: “... Estou científica do aumento do preço de **MOMENTO**

FEMININO, medida que, pelos motivos expostos, julgo também acertada...”

MINAS GERAIS — Uberaba — Lucilia S. Rosa — Carta de 10-11-52:

“... Quanto ao aumento de preço do jornal é muito justo, todos os que me compram o jornal acham que é baratíssimo; já devíamos ter pensado nisso há mais tempo...”

MINAS GERAIS — Uberlândia — Noemia Gouvêa — Carta de 24-11-52:

“... estamos cientes do aumento do preço da revista, que é justo devido às dificuldades para a tiragem da revista...”

NOSSOS COMANDOS

SÃO PAULO — Nossa representante na capital paulista, Sra. Elza Batista, acaba de informar-nos que já está colocando 500 exemplares de **MOMENTO FEMININO** em várias bancas de jornais.

Comandos diários estão sendo feitos nos bairros, a fim de conseguir novas leitoras de nossa revista. Assim, foram conseguidas 150 compradoras novas no bairro da Mooca. O mesmo trabalho está sendo programado para outros bairros da cidade.

Parabéns, amigas de São Paulo! E' do esforço de todas nós

que depende o progresso de nossa querida revista.

★

BAHIA — Na Fábrica Conceição, da capital baiana, foi realizado um interessante comando de **MOMENTO FEMININO**. Foram vendidos 50 exemplares da revista, tendo-se mostrado as operárias muito interessadas em suas matérias; fizeram várias perguntas à nossa representante, pedindo-lhe que voltasse ao local, com novos números.

Novos Representantes:

Ceará — JOAZEIRO DO NORTE	15 exs.
Adelina Bezerra Lima	
Minas Gerais — JUIZ DE FORA	50 "
Gerard L. Lafalse	
Rio Grande do Sul — BENTO GONÇALVES	15 "
Aucila Perez	
São Paulo — BIRIGUI	30 "
Florinda Rosa	
São Paulo — MIRANDÓPOLIS	10 "
Aurora Miranda	

Aumentaram suas cotas:

Goiás — NAZARINO	mais 10 exs.
Maria Maia	
Rio Grande do Sul — ERECHIM	3 "
Otélia M. Kern	
Rio Grande do Sul — PELOTAS	30 "
Alfredina F. Costa	
Rio de Janeiro — CAMPOS	45 "
Antonia Maria Souza	
Rio de Janeiro — MACAÉ	5 "
Zilda Aguiar	
Rio de Janeiro — NITERÓI	20 "
Judith Alves	
Rio de Janeiro — PETRÓPOLIS	15 "
Dr. Nelson Correia Oliveira	
São Paulo — ANDRADINA	20 "
Maria Silva	
São Paulo — ARAÇATUBA	25 "
Romilda Borel	
São Paulo — BARRETOS	5 "
Maria Lima	
São Paulo — BATATAIS	5 "
Jandira Teixeira	
São Paulo — GUARARAPES	5 "
Nair Potumate	
São Paulo — VALPARAIZO	5 "
Prof. Aracy Falanga	
Distrito Federal — CENTRO	10 "
Iza Gomes (nova representante)	5 "
Zilá Meireles (nova representante)	5 "
Nazareth Carvalho (nova representante)	6 "
CORDOVIL — Alzira Claro (nova repres.)	40 "
GÁVEA-LEBLON — Lena Glicie	20 "
IRAJÁ — Eulina Oliveira	5 "
LAGOA — Adail Reis (nova representante)	50 "
LEOPOLDINA — Terezinha Lopes	10 "
PADRE MIGUEL — Rosa Reis	10 "
SEN. CAMARÁ — Gracinda Albuquerque	10 "

TOTAL DO AUMENTO 474 exs:

Diminuíram suas cotas:

Goiás — RIO VERDE	menos 30 exs.
Dirce Testa	
Rio de Janeiro — NOVA IGUAÇU	30 "
Graciema Fonseca	

Suspenderam suas cotas:

Bahia — ALAGOINHA	100 "
Maura A. Cardoso	
Ceará — ICÓ	100 "
Tereza Gomes	
Rio Grande do Norte — NATAL	50 "
Maria Alves	
Rio de Janeiro — CAXIAS	30 "
Elaine Bezerra	
São Paulo — LUTÉCIA	5 "
Maria F. Veiga	

TOTAL DA DIMINUIÇÃO 340 exs.

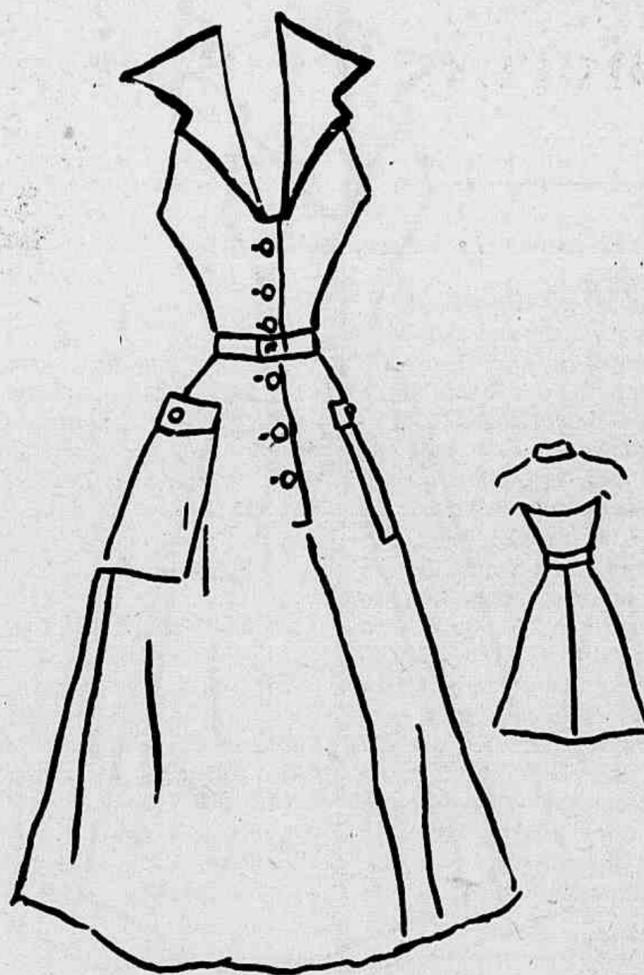
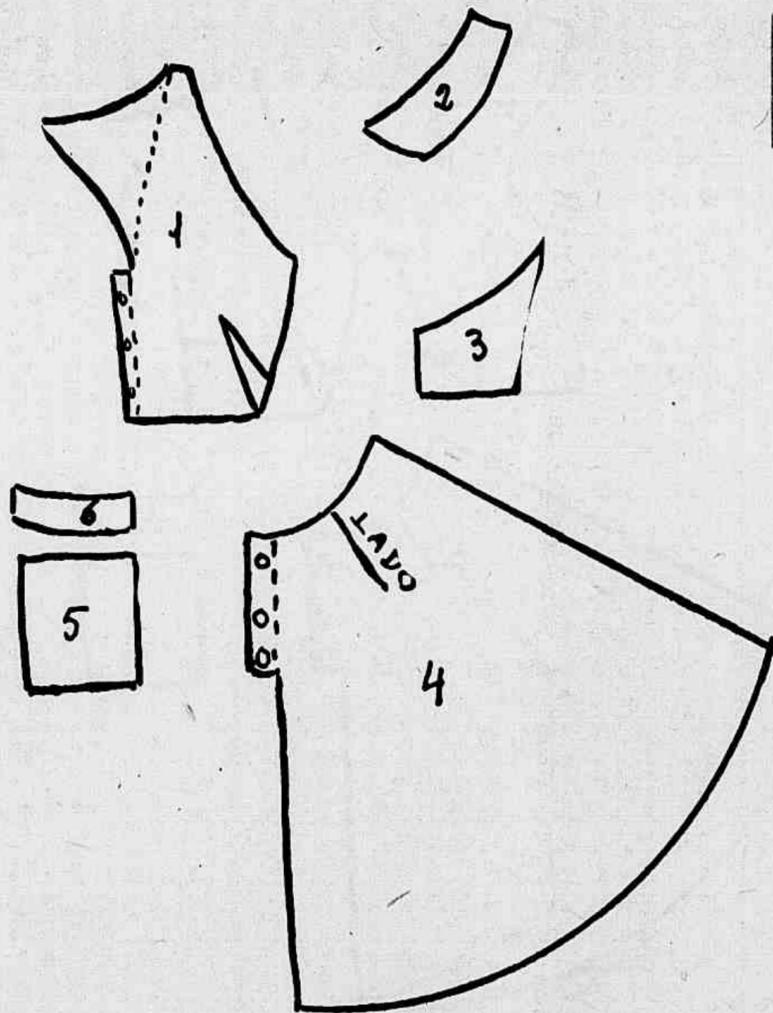
EXPEDIENTE

DIRETORA

ARCELINA MOCHEL

Redação e Administração
Rua Evaristo da Veiga, 16 — Sala 808
RIO DE JANEIRO

FAÇA O SEU VESTIDO



- 1—Frente da blusa com a gola e transpasse.
- 2—Gola. 3—Costas da blusa.
- 4—Saia — Frente e costas.
- 5—Bôlso. 6 — Tira do bôlso.

E UMA SAIA GODÊ

